



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS ARAPIRACA  
UNIDADE EDUCACIONAL PALMEIRA DOS ÍNDIOS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MAYRA NUNES PETUBA NETO  
WÍSELA VIEIRA DE CASTRO

**A EVOLUÇÃO DO COMPORTAMENTO SEXUAL HUMANO:  
IMPLICAÇÕES MONOGÂMICAS, EXTRACONJUGAIS E SUA RELAÇÃO  
COM O COMPORTAMENTO ANIMAL**

Palmeira dos Índios -AL  
2021

MAYRA NUNES PETUBA NETO  
WÍSELA VIEIRA DE CASTRO

**A EVOLUÇÃO DO COMPORTAMENTO SEXUAL HUMANO:  
IMPLICAÇÕES MONOGÂMICAS, EXTRACONJUGAIS E SUA RELAÇÃO  
COM O COMPORTAMENTO ANIMAL**

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas/ Unidade Educacional Palmeira dos Índios, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Professor Me. Gérson Alves da Silva Júnior

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Unidade Palmeira dos Índios**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária Responsável: Kassandra Kallyna Nunes de Souza (CRB-4: 1844)

P512e Petuba Neto, Mayra Nunes

A evolução do comportamento sexual humano: implicações monogâmicas, extraconjugais e sua relação com o comportamento animal / Mayra Nunes Petuba Neto; Wisela Vieira de Castro, 2021.  
50 f.

Orientador: Gerson Alves da Silva Júnior.

Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Campus Arapiraca. Unidade Educacional de Palmeira dos Índios. Palmeira dos Índios, 2021.

Bibliografia: f. 48 – 50

1. Psicologia. 2. Behaviorismo (Psicologia). 3. Comportamento humano. 4. Relações humanas. I. Silva Júnior, Gerson Alves da. II. Castro, Wisela Vieira de. III. Título.

CDU: 159.9

Mayra Nunes Petuba Neto  
Wísela Vieira de Castro

**A Evolução do Comportamento Sexual Humano:  
implicações monogâmicas, extraconjugais e sua relação com o comportamento animal**

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas/ Unidade Educacional Palmeira dos Índios, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Palmeira dos Índios, 06/05/2021.

**Banca Examinadora**



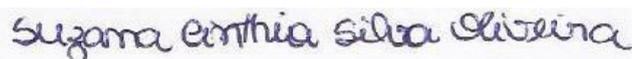
---

Prof. Me. Gérson Alves da Silva Junior  
Universidade Federal de Alagoas – UFAL  
Campus Arapiraca – Unidade Palmeira dos Índios  
(Orientador)



---

Prof. Dr. Clayton Antonio Santos da Silva  
Universidade Federal de Alagoas - UFAL  
(Examinador)



---

Esp. Suzana Cinthia Silva Oliveira  
(Examinadora)

“Ao meu filho Diego Henrique. Sua existência foi minha grande força, que permitiu o meu avanço, mesmo durante os momentos mais difíceis, meu bom menino, luz da minha vida”

“Aos pobres brancos, dedico este trabalho - o céu não é para todos. Também, a Luciene Vieira de Castro, que na ânsia da velhice, eu possa proporcioná-la dias melhores”

## AGRADECIMENTOS

*Mayra Nunes Petuba Neto*

Primeiramente a Deus pela força, cuidado e proteção durante todo esse percurso, por não me deixar desmoronar.

É o momento de agradecer a todos aqueles que estiveram comigo durante toda essa jornada para conseguir concretizar esse sonho que é a conclusão do curso de formação em Psicologia. E isso não seria possível se não fosse o apoio de grandes pessoas que fizeram o que era necessário para me ajudar na realização dessa conquista em minha vida. Por isso, aqui explico minha verdadeira gratidão.

À minha família, em especial aos meus pais Marinêz e Ademir que foram meus primeiros exemplos de dedicação e perseverança, e aos meus irmãos, Mirian, Adinan, Audenir, Mayara, Alessandro e Mirela que são a minha base, meu ponto de apoio e segurança.

Ao meu esposo e companheiro de vida, Elvis, por todo amor, cuidado, parceria, incentivo e compreensão. Obrigada por ser a minha pessoa preferida, merecedor da minha admiração desde sempre. Por ser meu maior incentivador, por traçar objetivos junto comigo, por acreditar sempre em mim e por me apoiar em todas as minhas decisões. Obrigada também por todas as manhãs acordando às 05:00 para me levar ao ponto de ônibus, debaixo de sol ou chuva. Sou feliz por cada passo que damos juntos. Gratidão, meu amor.

À minha parceira nesse trabalho e colega de turma, Wísela, por termos formado uma dupla incrível juntas, depois de tantas idas e vindas, por toda sensibilidade em cada momento que compartilhamos, pelo companheirismo e compreensão em cada obstáculo que enfrentamos na elaboração desse estudo, pelas boas conversas e risadas e discussões produtivas. Que os nossos laços se mantenham para além da universidade!

À minha parceria forte, minhas colegas de turma, que compõe nosso quinteto psicossocial, Laura, Gizelly, Iasmyn, e Roseane por participarem de toda essa jornada de aprendizado e por construirmos uma amizade fortalecedora, vocês são especiais, gratidão amigas!

Aos professores da universidade, por toda troca e aprendizado durante esses anos. Gratidão especial ao professor e orientador, Gerson Alves da Silva Junior por seus ensinamentos, por ter a oportunidade de através dele conhecer a Análise do Comportamento e a partir daí ter um olhar diferente e muito mais ampliado sobre a vida de modo geral, por despertar ainda mais a paixão pela Psicologia por meio do resultado positivo que sua aplicação adequada pode gerar na vida das pessoas. Gratidão Professor!

A todas as pessoas, amigos e amigas que contribuíram comigo de alguma forma, em especial a minha sogra Luiza que sempre foi uma segunda mãe para mim e para meu filho, cuidando, educando e protegendo ele, sempre que eu precisei.

A todos que me apoiam e vibram ao meu lado a cada passo dado!

## AGRADECIMENTOS

*Wisela Vieira de Castro*

Diante de lutas, choros, perdas, encontros e afetos, agradeço à vida por ter proporcionado experiências pelas quais me tornaram um ser humano mais forte, mais sensível, mais medroso e mais corajoso. À luz dessa existência, viver tem suas alegrias e dores.

Ao Deus, que teimo em buscar respostas de sua existência, e ao Anjo da Guarda que protege-me, guia-me e livra-me dos maus caminhos, agradeço por cuidarem desse pequeno ser no mundo, que sagrado ou pecador, tenta evoluir.

A meus pais Luciene e Erinaldo e meu irmão Weverton, agradeço por apoiarem as minhas decisões e se esforçarem de todas as formas que estiveram ao alcance deles, de modo que eu pudesse concluir a graduação.

À minha tia Akécia e seu esposo Ailson, que em minha vida de andarilha, ajudaram nas cansativas mudanças.

Ao meu namorado, Ewerson Pulquério, gratidão por ser companheiro e amigo, por apoiar minhas escolhas e ser o suporte emocional que tanto precisei no decorrer desses cinco anos.

Aos amigos os quais conquistei nessa jornada, grata por proporcionarem muitas e muitas gargalhadas, momentos de distrações, de conversa séria e de partilha. Agradeço pelo acolhimento e uma palavra de conforto e sabedoria que muitas vezes precisei, além de termos dividido muitas e muitas comidas, moradas, lugares e pessoas que pude conhecer e partilhar momentos.

A Mayra Nunes, parceira do Tcc, pois gratificante foi ter produzido um trabalho com ela. Fomos disciplinadas, organizadas e focadas no nosso objetivo. Agradeço imensuravelmente pela confiança, pelas trocas de conhecimento, pelo incentivo, motivação e por servir de guia tantas e tantas vezes nessa minha jornada enquanto graduanda. Agradeço não só por ser minha dupla, mas também, ser minha companheira e amiga que esteve comigo em momentos de alegria e muitos tantos de tristeza, de confusão e de insegurança. Obrigada por acreditar em mim.

Ao meu professor e orientador, Gerson Alves, por ser a agulha de marear que, não só eu, mas muitos outros estudantes precisaram para não afundar em uma areia movediça, ou ser engolidos por um buraco negro, que faz da nossa existência um simples evaporar, um “virar de nada”. Como diz o próprio Skinner “*O professor é parte do mundo do estudante, como um modelo ou como um provedor de consequências reforçadoras*”, e ele está certo, pois foi esse professor que serviu e é modelo para sermos melhores, lutarmos diariamente diante dos desafios da vida e avaliarmos as consequências de nossos atos.

Por fim, como diz Allan Poe “É só isso e nada mais!”

“Não são as espécies mais fortes que sobrevivem nem as mais inteligentes, e sim as mais suscetíveis a mudanças.”

(Charles Robert Darwin)

## RESUMO

A evolução do comportamento sexual humano se constitui por múltiplas contingências. O comportamento humano possui padrões que podem ser explicados, em grande parte, por meio do comportamento animal. Fatores genéticos e ambientais, bem como as relações culturais incidem na formação da monogamia, do comportamento extraconjugal e da dominância dos seres humanos. A análise do comportamento, proposta por Skinner, é uma ciência que auxilia na determinação do comportamento a partir das variáveis pelas quais o comportamento é função. O presente trabalho busca compreender o motivo pelo qual as mulheres passam por conflitos em torno das relações sexuais, conflitos esses, com discurso tão presente na prática psicoterápica. Investigar as variáveis que interferem no comportamento sexual feminino dentro de uma união monogâmica, buscar entender o porquê da existência do comportamento extraconjugal e averiguar a função do comportamento dominante na busca de acesso às fêmeas são propostas deste trabalho. O método utilizado para atingir os objetivos propostos foi a utilização de uma revisão bibliográfica para a fundamentação teórica. Como resultado da pesquisa, conclui-se que a preponderância da monogamia das mulheres, bem como seu comportamento extraconjugal existem por exercer o papel, no decorrer da evolução, da sobrevivência da espécie. Além disso, a herança de muitos comportamentos dos ancestrais comuns dos humanos - os bonobos e chimpanzés- estão presentes, o que destoa e gera conflitos nas relações culturais atuais, por essas formularem e imporem regras que entram em choque com nossos instintos mais primitivos.

**Palavras-chave:** Evolução. Comportamento sexual humano. Análise do comportamento.

## ABSTRACT

The evolution of human sexual behavior is constituted by multiple contingencies. Human behavior has patterns that can be explained, in large part, through animal behavior. Genetic and environmental factors, as well as cultural relations, affect the formation of monogamy, extramarital behavior and the dominance of human beings. An analysis of behavior, proposed by Skinner, is a science that assists in determining behavior from the variables by which behavior is a function. The present work seeks to understand the reason why women go through conflicts over sexual relations, conflicts that are so present in psychotherapeutic practice. Investigating the variables that interfere in female sexual behavior within a monogamous union, searching for the meaning of the existence of extramarital behavior and investigating the role of dominant behavior in the search for access to proposals are proposed in this work. A method used to achieve the proposed objectives for the use of a literature review for theoretical foundation. As a result of the research, it is concluded that the preponderance of women's monogamy, as well as their extramarital behavior, exist to play the role, in the course of evolution, of the species' areas. In addition, the multiplication of behavior of the common ancestors of humans - bonobos and chimpanzees - are present, which triggers and generates conflicts in current cultural relations, for formulating and imposing rules that clash with our most primitive instincts.

**Keywords:** Evolution. Human sexual behavior. Behavior analysis.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 – Evolução por seleção Natural, do Livro Compreender o behaviorismo 28

## **LISTA DE TABELA**

Quadro 1 – Classificação do sistema de acasalamento de acordo com os critérios: espacial, territorial, ecológico e genético (adaptada) 33

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b>	14
2	<b>EVOLUÇÃO DO COMPORTAMENTO SEXUAL HUMANO NA PERSPECTIVA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL</b>	19
2.1	A influência das variáveis filogenéticas, ontogenéticas e da cultura para a sobrevivência	20
2.2	Monogamia <i>versus</i> instintos: variáveis que contribuem para a instalação de sofrimento psíquico em mulheres e sua relação com a sexualidade	25
3	<b>A NATUREZA DO COMPORTAMENTO EXTRACONJUGAL</b>	29
3.1	Comportamento sexual extraconjugal: uma necessidade da seleção natural	32
3.2	O histórico de contingências de reforçamento para as relações extraconjugais	36
4	<b>COMPORTAMENTO DOMINANTE E SUA IMPLICAÇÃO NO ACESSO AO CONTATO SEXUAL DAS FÊMEAS</b>	39
4.1	Guerras primitivas e a topografia do comportamento sexual agressivo	39
4.2	Chimpanzés e bonobos como modelo explicativo para o comportamento sexual agressivo em humanos	42
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	47
	<b>REFERÊNCIAS</b>	49

## 1 INTRODUÇÃO

A análise do comportamento é uma ciência fundada pelo psicólogo norte-americano Burrhus Frederic Skinner (1904-1990), contemporâneo de Lorenz e Tinbergen. A partir das ideias de John B. Watson e Ivan Pavlov, Skinner desenvolve sua teoria: o Behaviorismo Radical.

A análise do comportamento tem como um de seus objetivos, desenvolver princípios gerais do comportamento para uma aplicação em humanos e/ou não-humanos, seja em laboratório ou em seu ambiente natural, e ao ser aplicada, tenta compreender o sujeito que age no mundo a partir da sua herança genética, da sua história de vida e da cultura em que está inserido.

A partir de Skinner (2003), compreendemos que uma ciência do comportamento humano é possível e que podemos estudá-la por meio de técnicas usuais da ciência, a saber, as mesmas técnicas empregadas nas ciências naturais, tais como a química e a física. Logo, nossas ações estão sujeitas a essas leis e são resultados de condições que podem ser especificadas, ou seja, se conseguirmos determiná-las, teremos a compreensão para os fenômenos investigados, a previsão e até mesmo seu controle.

Para desenvolver esses princípios gerais, o sistema skinneriano dispõe do comportamento como objeto de estudo, que se relaciona de forma mútua com o ambiente. Por comportamento, Skinner (1938, p. 6) define:

O comportamento é essa parte do funcionamento de um organismo que está engajada em agir sobre ou ter algum intercâmbio com o mundo exterior. Por comportamento, então, quero dizer simplesmente o movimento de um organismo ou de alguma de suas partes em um plano de referência proporcionado pelo próprio organismo ou pelos variados objetos externos ou forças do campo. É conveniente falar disso como a ação do organismo sobre o mundo exterior.

O indivíduo age no mundo e por ele é afetado, ou seja, o comportamento envolve a ação, a resposta, o movimento do organismo que modifica e sofre mudanças ao atuar no ambiente, assim, ao passo que produz consequências, essas consequências retroagem sobre o organismo, o que Skinner classifica como comportamento operante. Dessa forma, a depender

do resultado dessa relação, podemos alterar a probabilidade de determinado comportamento se repetir (SKINNER, 1973).

É o olhar sobre o comportamento em seu contexto que Skinner se debruça, e não meramente em uma pressão à barra, ou em estruturas e mecanismos pelos quais a psicologia contemporânea se empenha, como também, um modelo de seleção por consequências, com a relação de interdependência da tríplice contingência: estímulo-resposta-consequência (Sa:R-Sc), e não o tratamento errôneo e trivial, ao colocar o behaviorismo radical - filosofia da ciência proposta por Skinner -, na tradição da Psicologia estímulo-resposta (S-R) ou *input-output*.

Ao lado do organismo, o ambiente goza de um papel importantíssimo, à medida que o cientista do comportamento se envolve em “[...] uma busca da ordem, da uniformidade, de relações ordenadas entre os eventos na natureza” (SKINNER, 2003, p.12). Quando nos referimos ao ambiente, falamos do meio físico, químico e social que emerge uma resposta -“resposta” como termo usado para designar comportamento do indivíduo. Os acontecimentos ambientais atuam na modelagem e manutenção do comportamento, e os dados a serem explicados se dão por meio das relações entre o comportamento e o contexto em que ele ocorre.

Skinner (1979) nos mostra que todo comportamento produz consequências, alguma alteração no ambiente, e essas modificações irão aumentar ou diminuir a probabilidade desse comportamento ocorrer novamente no futuro. A partir disso, compreendemos que o comportamento sexual humano evoluiu em topografias diferenciadas, em decorrência de um processo de aprendizagem, por meio da seleção por consequências.

As diversas topografias sexuais são resultado de milhares de anos de evolução, e por isso, as mais primitivas acabam interferindo nas bases morais e políticas que sustentam a cultura ocidental, na qual temos como padrão as relações monogâmicas. Assim, demonstrar interesse por uma categoria que não se enquadre nas exigências morais resulta em sofrimento.

O presente trabalho foi elaborado diante da curiosidade e interesse da dupla por uma psicologia de base científica, que se utilizasse de um método da ciência natural. Em meio às suas pesquisas, elas puderam constatar que a Análise do Comportamento, a partir do Behaviorismo Radical, pode se intercambiar com as produções existentes de alguns autores, como: Harris (1978), Dawkins (2007), Alcock (2011), Baum (2019), Morris (1968), Bussab e Ribeiro (1998). Por meio deles, lançar um olhar comportamental em suas pesquisas, que

trabalham com variáveis, em busca assim, de relações funcionais, tanto a partir do discurso evolutivo que eles apresentam, como também, compreender como esse discurso evolutivo coaduna e se articula com os processos culturais e de aprendizagem, processos esses muito bem explanados por Skinner. Daí a necessidade de trazer a Análise do Comportamento.

Essa problemática é evidenciada no contexto clínico, no qual é recorrente as questões relacionadas à sexualidade, por isso, muito se têm a contribuir à realização da pesquisa para ampliação do conhecimento sobre a temática na área, ao considerar a relevância do assunto, a escassez de materiais na análise do comportamento sobre o tema e o pouco estímulo e discussão na universidade. Apresentar-se-á o olhar científico sobre a função desses padrões comportamentais e, assim, poderá servir de guia para auxiliar nos processos psicoterapêuticos de mulheres que sofrem, em parte, por desconhecerem o funcionamento dos mecanismos naturais, produtos de uma longa história evolutiva.

A análise do comportamento compreende que todo comportamento se mantém pelas suas consequências através de uma relação funcional. De acordo com Skinner (2003), análise funcional diz respeito a encontrar as variáveis das quais o comportamento é função, ou seja, identificar sua “causa”, a variável independente, e seu “efeito”, isto é, as mudanças que venham ocorrer na variável dependente, e essa relação causa-efeito é substituída por uma relação funcional. “Uma análise funcional nada mais é, pois, do que uma ‘explicação’ de um evento pela descrição de suas relações com outros eventos” (MATOS, 1999, p.13).

Mediante os estudos da evolução humana, dos valores da cultura ocidental e das variáveis ontogenéticas - eixos fundamentais para a compreensão do comportamento humano - nos quais as mulheres estão sujeitas, é possível avaliar as respostas para a emissão do comportamento sexual relacionado a dominação e poder, e também, a maneira como as pessoas vivenciam a sexualidade. Entender como os padrões comportamentais de determinados grupos interferiram no desenvolvimento de topografias sexuais - que foram selecionadas e mantidas até o atual momento, além do contato sexual como algo imprescindível para a existência da vida humana e animal.

A partir dessas observações, surgiu o anseio de compreender o porquê do comportamento sexual representar inúmeros conflitos para a maioria das mulheres, principalmente, no que se refere às topografias não convencionais como, por exemplo, o contato sexual extraconjugal e relações sexuais envolvendo agressividade. Isso motivou a construção desse trabalho em torno de duas perguntas fundamentais, e que as respostas são de

máxima importância: Somos nós humanos monogâmicos? Essa primeira pergunta inevitavelmente levou, diante das observações de fenômenos culturais, a segunda pergunta: Se realmente fossemos monogâmicos, haveria tamanha preocupação em relação à fidelidade? Note, caro leitor, esse é um questionamento que se apresenta para maioria das pessoas, sendo de profunda relevância para resolução de conflitos e problemas dos quais as pessoas sofrem no seu cotidiano, de acordo com os seus envolvimento e dinâmicas relacionais.

O presente trabalho tem como objetivo geral investigar quais variáveis interferem no comportamento sexual feminino dentro de uma união monogâmica, como também, o que faz as mulheres terem um contato sexual extraconjugal e as relações de dominância e submissão, presente na maioria das espécies, humanas e animais. Quanto aos objetivos específicos, busca-se *(1) identificar as variáveis que interferem na emissão do comportamento sexual humano dentro de uma união monogâmica, (2) averiguar a emissão do comportamento sexual extraconjugal e (3) analisar funcionalmente o comportamento dominante e sua implicação no acesso ao contato sexual das fêmeas.*

Para atingir os objetivos do trabalho, optou-se como método de pesquisa uma revisão bibliográfica, que consiste em uma revisão por meio de livros, artigos, revistas e publicações (LAKATOS; MARCONI, 2017) com a finalidade de mapear os trabalhos redigidos com o tema comportamento sexual humano e relacionar com a visão da Análise do comportamento. Para responder a tais perguntas, teremos como norte principal o psicólogo americano B. F. Skinner (1904-1990) estudiosos da evolução humana (biólogos, etólogos, zoólogos).

Utilizamos como critério de inclusão produções que definissem o tema da evolução do comportamento sexual na visão analítica comportamental, evolução e de base antropológica. Nos critérios de exclusão, estão produções que não contemplam o tema comportamento sexual humano como ponto principal.

Para responder às interrogações a partir de revisões bibliográficas, dividimos o trabalho em quatro momentos. O primeiro momento, que corresponde ao segundo capítulo, apresenta uma revisão bibliográfica sobre a evolução do comportamento sexual humano na perspectiva analítico-comportamental. Ele foi dividido em dois tópicos: “A influência das variáveis filogenéticas, ontogenéticas e da cultura para a sobrevivência” e “Monogamia *versus* Instintos: Variáveis que contribuem para a instalação de sofrimento psíquico em mulheres e sua relação com a sexualidade”. O terceiro capítulo, denominado: “A Natureza do comportamento extraconjugal”, está dividido em dois tópicos: “Comportamento sexual

extraconjugal: uma necessidade da seleção natural” e “O histórico de contingências de reforçamento para as relações extraconjugais”. O quarto capítulo tratar-se-á do "Comportamento dominante e sua implicação no contato sexual agressivo das fêmeas” e é composto por dois tópicos: “Guerras primitivas e a topografia do comportamento sexual agressivo” e “Chimpanzés e bonobos como modelo explicativo para o comportamento sexual agressivo em humanos”.

## 2 EVOLUÇÃO DO COMPORTAMENTO SEXUAL HUMANO NA PERSPECTIVA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL

Neste capítulo apresentaremos o percurso evolutivo da formação dos grupos e da instalação do comportamento sexual monogâmico, ao fazer um estudo comparativo acerca do comportamento humano com outras espécies, povos primitivos e tribos, e assim, analisar funcionalmente o seu valor de sobrevivência para, dessa forma, responder ao primeiro objetivo específico que é identificar as variáveis que interferem na emissão do comportamento sexual humano dentro de uma união monogâmica.

“Prometo ser fiel, amar-te e respeitar-te, todos os dias da minha vida”, e assim se mantém o discurso que nos faz acreditar em uma relação completamente feliz, ao encontrarmos o amor verdadeiro, e com um parceiro(a) unidos até que a morte os separe.

O trecho é uma fala utilizada nos votos de casamento durante uma cerimônia religiosa na cultura cristã. A partir da expressão, é possível identificar que a fidelidade é algo que precisa ser prometido e, portanto, nos conduz à hipótese de que há uma enorme preocupação com a infidelidade, fazendo jus à expressão “respeitar-te” como a ideia de exclusividade sexual.

De acordo com Barach e Lipton (2007, p.12):

Assim a monogamia foi prescrita para a maioria de nós pela sociedade americana e pela tradição ocidental de modo geral; regras oficialmente declaradas são bem claras. Devemos conduzir nossa vida romântica e sexual em pares exclusivos, no campo matrimonial designado.

É comum experienciarmos ou presenciarmos comportamentos de ciúmes quando alguém se aproxima de nossos parceiros. A evolução tem um papel fundamental na compreensão não só desse comportamento, mas também, de vários outros envoltos dos relacionamentos sexuais humanos.

Segundo Morris (1967, p.11):

De maneira geral os homens são mais ciumentos quando há traição sexual, ao passo que as mulheres são mais sensíveis à infidelidade sentimental de seu companheiro. Mais uma vez, a explicação está na teoria da evolução. De acordo com essa perspectiva, as mulheres têm características reprodutoras diferentes das dos homens, e é isso que faz com que elas não se comportem da mesma forma quanto ao ciúme. O homem nunca tem, e nunca terá certeza absoluta a respeito da paternidade de sua prole.

O comportamento de ciúme foi selecionado ao longo da história evolutiva. Tem como função evitar a perda do parceiro e o fim do relacionamento, servindo de alerta diante de uma possível ameaça. Para as mulheres, existe uma maior preocupação quando se trata de infidelidade sentimental de seus parceiros por indicar maior probabilidade de perda de comprometimento e divisão de recursos para as competidoras em potencial. Já para os homens, existe uma preocupação maior em relação à infidelidade sexual por parte de suas parceiras, pois isso indica menos certeza de sua paternidade, e perda de recursos reprodutivos para seus competidores (HATTORI; CASTRO, 2017).

## 2.1 A influência das variáveis filogenéticas, ontogenéticas e da cultura para a sobrevivência

Skinner nos mostra que todo comportamento foi selecionado pelas consequências que produziu no ambiente, e se mantém devido a elas. Isso se aplica a comportamentos da espécie como um todo, por terem sido selecionados ao longo do processo evolutivo, por exemplo, os comportamentos que surgiram da cultura de um povo em tempos passados, como também, os comportamentos selecionados na história particular do indivíduo em sua relação com o ambiente. Logo, por terem sido vantajosos, se mantiveram até hoje.

Essas consequências afetam a ocorrência de comportamentos futuros, ou seja, a aprendizagem individual - comportamentos que surgiram a partir das experiências às quais fomos submetidos ao longo da vida. Além disso, há comportamentos advindos de práticas de nossos antepassados, selecionadas por terem sido costumes úteis à sobrevivência do grupo. Assim, todo comportamento existente na natureza entre primatas humanos ou não humanos existe por uma função específica: favorecer a sobrevivência.

O favorecimento da sobrevivência se deu pelo que podemos chamar de evolução. Evolução como indicativo de mudanças que vão ocorrendo durante gerações nos seres vivos, e essas transformações se dão na anatomia, na fisiologia e no comportamento das espécies em seu habitat (HATTORI; CASTRO, 2017). Diante disso, Charles Darwin (1809-1882) desenvolveu a teoria da evolução por seleção natural, na qual o mais forte sobrevive, ou seja, o que melhor se adaptar ao ambiente, o que tiver características e propriedades que favoreçam a sobrevivência, uma reprodução diferenciada e não aleatória dos genes (DAWKINS, 1976).

Homens e chimpanzés compartilham cerca de 99,5 por cento de sua história evolutiva e nossa evolução ocorreu por cerca de três bilhões de anos (DAWKINS, 1976), e como afirma Morris (1967), fomos projetados para viver em árvores, mas foi necessário adaptar-se para sobreviver como caçadores terrestres e competir com os já existentes. A hegemonia das savanas no leste africano, há seis milhões de anos, onde surgiram os primeiros hominídeos e macacos, serviu de contingência para transformar o homem em bípede, a aproximadamente quatro milhões de anos atrás (CERLING, 2011).

Subjacente à lasca de pedra está um modo de vida que envolve planejamentos, técnicas de lascamento, obtenção da matéria-prima, aproveitamento de novos recursos no novo ambiente da savana, transmissão de informações, formas de compartilhamento e de organização social apropriadas (VARELLA *et al.*, 2017, p.17).

Skinner (2003) descreve cultura como nada mais que um conjunto de costumes, crenças e valores; uma cultura é um conjunto de contingências reforçadoras que o grupo mantém a partir de formulações de regras e leis. Baum (2019) afirma que a cultura ocorre quando o comportamento que é aprendido, passa a ser compartilhado pelos membros do grupo.

A cultura está sempre evoluindo e suas práticas de solução de problemas se dão por meio de mutações. Se, com essa prática, o grupo sobreviver, ela sobreviverá também (SKINNER, 2003). Com a especialização da cultura, o processo de hominização foi evidentemente sinalizado e, assim, traços foram selecionados e alterações afetivas, sociais e de estratégias comportamentais ocorreram contingencialmente. (BUSSAB; RIBEIRO, 1998).

De acordo com Varella *et al.* (2017), essa especialização da cultura pôde ser percebida por meio da anatomia fóssil e comportamentos de nossos ancestrais comuns - os chimpanzés e bonobos - ao possibilitar o processo de evolução da cultura, na qual ela e a natureza andaram e continuam andando juntas. Isso justifica a evolução dos processos psicológicos no ser humano, nossas semelhanças com os padrões primatas, o educar de um cérebro maior, que exigiu uma infância mais longa, a união mais afetiva de homens e mulheres, a intensificação da sexualidade, e assim, relações mais duradouras (BUSSAB; RIBEIRO, 1998).

De acordo com Morris (1967), “O macaco pelado”- expressão utilizada pelo autor para se referir ao humano-, teve que caçar para sobreviver e precisou de um cérebro mais desenvolvido para compensar sua inferioridade física, em comparação com outras espécies,

pois foram necessárias estratégias comportamentais para solucionar problemas de adaptação e, dessa forma, essas estratégias processadas no cérebro foram selecionadas no decorrer de sua história filogenética, desenvolvendo mecanismos psicológicos evoluídos no homem (HATTORI; CASTRO, 2017).

Segundo Blackmore (2001), o aumento da massa encefálica no homem se explica a partir das pressões evolutivas sob o desenvolvimento da linguagem. E as várias estratégias, a partir das adaptações mentais, tiveram como função, destinar tempo e energia em determinadas situações para aumentar e potencializar a reprodução do organismo (VARELLA *et al.*, 2017). Para Trivers (1972), em sua teoria do Investimento Parental, uma das formas de garantir o sucesso reprodutivo seria o esforço dos pais direcionado aos filhotes atuais, e não no investimento em novos filhotes, logo, esse investimento parental serviu de estratégia para a sobrevivência da espécie.

Para Morris (1967) o crescimento mais devagar das crianças explicam dois fatos: o primeiro é a formação de pares, ou seja, o modelo de família tradicional tal qual temos hoje; e o segundo, a receptividade sexual da fêmea não apenas no período fértil. Pelo fato dos filhos exigirem maiores cuidados, era necessário um maior investimento biparental, ou seja, maior cuidado do pai e da mãe, mesmo que esses cuidados se manifestassem de forma variada entre eles (MANFROI; MARCARINI; VIEIRA, 2011). Desse modo, os pais precisavam estar unidos, ou seja, ligar-se a um parceiro e permanecer assim por muito tempo e, para isso, se fez necessário que a mulher estivesse receptiva ao macho fora do período de ovulação, a fim de proporcionar satisfação mútua ao casal (MORRIS, 1967).

Também do ponto de vista evolutivo, foi vantajoso que houvesse vinculação da mulher a um parceiro que pudesse prover alimento e protegê-la de animais selvagens. Se as fêmeas não tivessem bons critérios de escolha, poderiam ficar sozinhas no período gestacional e diminuir suas chances de sobrevivência.

De acordo com Gaulin e McBurney (2001), para as mulheres, o investimento fisiológico (gasto de tempo e energia) elevado - durante a gestação e lactação - é obrigatório, o que limita o número de filhos que a mulher pode gerar. Já para os homens, o número de filhos é limitado apenas pelo acesso ao número de parceiras férteis, uma vez que seu investimento fisiológico é menor e ocorre basicamente durante o processo de fecundação. (HATTORI; CASTRO, 2017).

Como a principal função da formação de pares e o contato sexual é a reprodução, a escolha do parceiro é considerada uma etapa de extrema importância. Os fatores morfológicos são um dos indicativos dos sinais honestos<sup>1</sup> - características naturais que interferem na escolha do parceiro em potencial.

Pessoas bonitas não são necessariamente mais simpáticas, mais inteligentes ou mais compassivas do que o resto de nós. Mas a simetria envia uma mensagem especial para o núcleo inconsciente do cérebro: bons genes e boa saúde. Também é uma mensagem honesta. Indivíduos com feições bem proporcionadas e simétricas foram capazes de evitar acidentes e combater bactérias e vírus que produzem irregularidades. Em suma, homens e mulheres simétricos têm sistemas imunológicos resistentes. (FISHER, 2009, p.174).

Conforme Hatori e Castro (2017), a escolha do parceiro se dá por observação de características indicativas de boa saúde como, por exemplo, pele limpa e cabelos brilhantes, além de outras características que variam de homens para mulheres.

No processo de escolha dos parceiros, as mulheres tendem a escolher homens com ombros e costas largas, o que indica garantia de cuidado, proteção e alimento para ela e suas crias. Já os homens buscam parceiras com quadris mais largos que a cintura, essa característica indica maior acúmulo de gordura nessa região e é uma fonte essencial de energia durante a gestação, assim, indica que essa fêmea tem mais recursos disponíveis e maior probabilidade de gerar filhos saudáveis (HATORI; CASTRO, 2017).

A avaliação do Complexo Principal de Histocompatibilidade (MHC)<sup>2</sup> pelo cheiro exalado do corpo, pelo odor natural de cada indivíduo, e não pelo cheiro artificial de perfumes e cremes corporais, é outra forma de se avaliar a qualidade do parceiro em termos de resistência à doença.

Além disso, de acordo com Hatori e Castro (2017), outra importante característica observada na escolha do parceiro é o grau de simetria bilateral. A maioria das pessoas apresentam um grau de assimetria corporal, ou seja, pequenas diferenças no tamanho dos olhos, seios e orelhas. No entanto, quando essa assimetria se apresenta em grau elevado, é

---

<sup>1</sup> **Sinal honesto:** forma de sinalização de determinadas qualidades que realmente estão presentes no indivíduo, de forma a comunicar-se com indivíduos da mesma espécie (parceiros sociais ou românticos, competidores) ou de outras espécies (presas, predadores, competidores). (VIEIRA; OLIVA, 2017, p.299)

<sup>2</sup> **O complexo principal de histocompatibilidade** (MHC - *Major Histocompatibility Complex*) é um grande complexo gênico com múltiplos *loci* cujas moléculas apresentam antígenos protéicos às células do sistema imune, participando assim do processo de rejeição de tecidos estranhos.<sup>1-3</sup> Em humanos, esse conjunto gênico denomina-se HLA (*Human Leukocyte Antigens*). (ALVES, 2012)

indicativo de instabilidade no desenvolvimento. Indica maior vulnerabilidade à contaminação por parasitas e/ou patógenos. Assim, tanto homens quanto mulheres preferem parceiros que apresentem maior grau de simetria bilateral, essa característica representa maior resistência às doenças tornando mais garantida a sobrevivência.

Essa seleção e preferência por parceiros mais simétricos não ocorrem apenas em humanos, mas também em muitas outras espécies animais. “Os chimpanzés têm o mesmo gosto que nós; eles também preferem feições simétricas em um parceiro para acasalamento. De fato, a simetria é a essência da beleza para muitos mamíferos e pássaros, e até mesmo insetos” (FISHER, 2009, p.174). Segundo Alcock (2011), a homeostase ontogenética, como resultado adaptativo das espécies, possivelmente contribui para adquirir um maior número de parceiros que os de menor grau de simetria.

Nesse íterim, como exemplo, observa-se que, na libélula *Lestes viridis*, as asas posteriores simétricas são mais presentes nos machos que acasalaram, e não nos seus rivais, que não copularam. A explicação com fim à sobrevivência é evidenciada quando Alcock (2011) diz que “Indivíduos com asas simétricas poderiam ser melhores ao manobrar durante o voo e assim, mais aptos para se engajar em duelos aéreos, que determinam os vencedores territoriais e os reprodutores de sucesso nessa libélula” (ALCOCK, 2011, p. 91).

Já que o objetivo da seleção natural é garantir a reprodução para continuação da espécie e, considerando que uma fêmea humana só pode gerar em média um filho por ano, independente da quantidade de machos com que ela acasala, foi mais eficaz escolher um bom provedor e protetor para fecundá-la e estar unida a ele durante o cuidado da cria.

É compreensível que a fêmea leve um tempo maior para escolher seu parceiro de acasalamento, considerando que em apenas uma ejaculação o macho consiga liberar cerca de 250 milhões de espermatozoides, e a fêmea leva cerca de um mês para produzir um único óvulo. Esse óvulo representa para elas um imenso investimento, ao ser fecundado e gerado em seu corpo, se nutrindo dos recursos disponíveis dentro do organismo da mãe. Posteriormente ao nascimento, ainda será necessário manter-se ligado a ela por um período de tempo, e receberá nutrição, através de seus seios na forma de leite (BARASCH; LIPTON, 2007).

Esse processo pode nos levar a compreensão do motivo pelo qual as fêmeas da espécie humana tendem a ser mais omissas em relação a demonstrar interesse ou manifestar seus desejos. Há uma briga entre o querer e o fazer e, por isso, apresenta uma omissão recorrente em relação a esses desejos, devido ao custo de uma gestação ser bem mais alto para ela do que

para ele. “É certo que as consequências de um ato sexual são mais importantes para elas do que para eles. E, portanto, elas têm interesse maior em controlar o ímpeto sexual para estimar o valor de um homem antes de passar para a ação” (CICCOTTI, 2010, p.11). Assim, a mulher avalia com mais cuidado se o macho será capaz de garantir os recursos de sobrevivência e proteção para suas crias.

Com o passar das gerações, a variabilidade do comportamento se fez presente, devido a fatores ambientais, tais como a nutrição, como também a herança genética, e assim, mudanças nas relações sociais, comportamentais e individuais foram ocorrendo. A cultura foi se fortalecendo, e costumes e crenças que tiveram algum valor adaptativo foram reforçadas e transmitidas para gerações futuras. As sociedades ocidentais passaram por um processo de modelagem<sup>3</sup> e modelação<sup>4</sup> no decorrer dos séculos. Como exemplo, tem-se a religião como instituição de controle, de formação de valores e normas sociais pelos quais os comportamentos são contingentes.

## 2.2 Monogamia *versus* instintos: variáveis que contribuem para a instalação de sofrimento psíquico em mulheres e sua relação com a sexualidade

A seguir, será explanado o processo de construção do modelo monogâmico vigente na cultura ocidental, na busca de explicar o que leva as mulheres a entrar em conflito e adoecimento psicológico no que se refere às manifestações de comportamentos que não estejam de acordo com o socialmente aceito.

A observação da dinâmica presente nos relacionamentos amorosos monogâmicos e os estudos evolutivos acerca da maneira como as mulheres se direcionam, proporcionará uma maior clareza dessa conjuntura social repressora a que as mulheres estão expostas.

A Bíblia Sagrada, utilizada pelo cristianismo ocidental, serviu e ainda serve de instrumento para o controle dos corpos e estruturação social. Quando nos referimos a monogamia, o ato de ter uma única pessoa por toda a vida, é perceptível como as configurações das relações sexuais são processadas de acordo com o Antigo e Novo

---

<sup>3</sup> **Modelagem** é um procedimento de reforçamento diferencial de aproximações sucessivas de um comportamento, e resulta em um novo comportamento. (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

<sup>4</sup> **Modelação** é um procedimento pelo qual a aprendizagem se dá por meio da observação.

Testamento. Naquele, percebe-se uma cultura na qual a poligamia era aceita e não se falava em pecado pela sua existência, nesse, a monogamia é a norma social vigente.

Vários personagens são citados na Bíblia, desde o mais antigo Lameque em Gn 4,19 como também, 1 Re 11, 1-3, Ms 2, 21; 18, 1-6 e Nm 12,1 práticas típicas entre os israelitas anteriores ao século I, e mais, aos tempos apostólicos. Com a passagem do Antigo para o Novo Testamento, uma nova configuração dos relacionamentos entre casais advém. A monogamia é a regra, assinalada, como escrito em 1 Tm 3, 2-12 na referência a bispos e diáconos da Igreja como maridos de uma só mulher, e os fundamentos dessa monogamia apresentam-se no catecismo da Igreja, que o matrimônio é uma união entre homem e mulher (RAMOS, 2017).

O controle aversivo do comportamento foi se perfazendo nas relações afetivas ao permitir que consequências implicassem na forma de se comportar dos indivíduos, nos quais se direcionam para evitar que algo aconteça, por meio de um *reforço negativo* ou *punição*. Esther Perel (2015) evidencia que 95% das pessoas que dizem ser terrivelmente errado o parceiro mentir que tem relação extraconjugal, são, ao mesmo tempo, as mesmas que dizem não informar ao seu parceiro que o traiu.

No reforço negativo, aumenta-se a probabilidade do comportamento ocorrer - mediante um comportamento de fuga (estímulo aversivo presente no ambiente) ou esquiva (estímulo aversivo não presente no ambiente). Já a punição decorre de uma diminuição da probabilidade do comportamento ocorrer, por intermédio de uma apresentação de estímulo (punição positiva), ou por uma retirada do estímulo (punição negativa) (MOREIRA; MEDEIROS, 2007). Esse controle aversivo manteve as exigências de uma relação monogâmica. Assim, as mulheres da geração atual sofrem essas consequências nos três níveis de seleção.

No decorrer da evolução, as fêmeas chimpanzés saem para grupos vizinhos em busca de melhores parceiros, seja pelas características genéticas do macho ou mesmo como forma de proteção, visto que os chimpanzés matam membros de grupos estranhos (VARELLA, 2020).

Assim, os desejos mais primitivos de uma mulher entram em choque com a cultura ocidental a qual está inserida, por meio de uma esquiva constante de seus comportamentos decorrentes de sua herança genética primata, responsáveis pela obtenção de reforçadores primários de alta magnitude.

Segundo Galloti (2012), 58% das mulheres confessam ter sido infiéis alguma vez na sua vida, 65% delas têm casos de uma noite com outra pessoa, 40% delas afirmam ter dormido com um colega de escritório e 10% revelam que mantiveram uma relação paralela enquanto tinham um parceiro.

Os sofrimentos psíquicos subjacentes às relações amorosas monogâmicas que conduzem uma mulher para o atendimento psicoterápico, provém de uma sensação de impossibilidade do exercício de sua liberdade sexual. Liberdade vista como, segundo Baum (2019), uma liberdade da coerção, da ameaça de punição e que, quando nos comportamos de forma diferente do aceito socialmente, essas punições se manifestam, e assim, não podemos ser livres.

Mesmo que o comportamento seja positivamente reforçado a curto prazo, se ele leva a uma punição maior a longo prazo, a pessoa que cai nessa armadilha de reforço não pode se sentir livre (BAUM, 2019, p.108). A busca por auxílio terapêutico é frequente para as mulheres que se sentem insatisfeitas, ou passando por algum conflito afetivo-conjugal (OTERO; GUERRELHAS, 2003).

Segundo Perel (2015), a presença da infidelidade requer um alto custo psicológico, e enquanto o casamento era um empreendimento econômico, a infidelidade ameaçava nossa segurança econômica. Mas agora que o casamento é um acordo romântico, a infidelidade ameaça nossa segurança emocional.

O autocontrole em manter uma relação monogâmica requer a privação de reforçadores imediatos, que ocorre por meio da impulsividade - comportamento que implica um reforço de curto prazo e permite uma ação imediata, uma saciação, para que, dessa forma, consequências reforçadoras de longo prazo se façam presentes.

Para Baum (2019, p.104) “[...] o autocontrole consiste em fazer uma opção”. A curto prazo, o sexo proporciona prazer e satisfação de desejos. Porém, a longo prazo, pode ocorrer uma punição, isto é, leva a consequências como a solidão, perda de recursos e acesso a bens, o que Baum (2019) caracteriza como “armadilha do reforço”.

Logo, a monogamia passou a ser mais vantajosa para a cultura hegemônica ocidental por ter a função de garantir a sobrevivência da mulher que, por muito tempo, cuidava do lar e dos filhos, enquanto o marido saía para adquirir recursos para a família por meio do trabalho. Entretanto, esse fator cultural não foi suficiente para anular padrões comportamentais modelados por milhares de anos de evolução de um cérebro primitivo, ignorante das

mudanças mais recentes, que, apesar das formações das áreas corticais se desenvolverem posteriormente, eles dois, o rústico e o civilizado, mantêm-se em uma briga infinita.

De acordo com o exposto, constata-se que a fêmea tem um papel significativo no processo da evolução sexual, e que ambos os sexos participam ativamente nessa fazedura, ao escolher parceiros disponíveis, como também, ao competirem por parceiros reprodutivos. As estratégias de sobrevivência modelaram-se diante das mais variadas contingências entre organismo e ambiente, pois fatores biológicos, ambientais e de relações sociais foram determinantes para a constituição do contexto que temos hoje como relação monogâmica em nossa sociedade.

Percebeu-se, também, que conflitos entre a natureza humana e a cultura a qual somos expostos entram em choque, o que implica em sofrimento psicológico, uma realidade presente na clínica psicoterápica. A monogamia se manifesta como sinônimo de angústia e frustração para muitas mulheres que precisam manter sob controle seus desejos sexuais.

Até o momento, foram expostos argumentos e discussões a respeito de diversas topografias, entretanto, o objetivo do analista do comportamento, assim como os sujeitos que estudam profundamente a evolução, é entender que, independentemente das topografias - sejam elas fisiológicas ou comportamentais -, esses processos se desenvolvem porque há funções ligadas à sobrevivência, além deles, as mudanças culturais e de comportamentos ligados à cultura e aprendizagem também visam atender esse fim último que é a sobrevivência. Logo, as funções das topografias apresentadas no decorrer do trabalho são consideradas e enfatizadas.

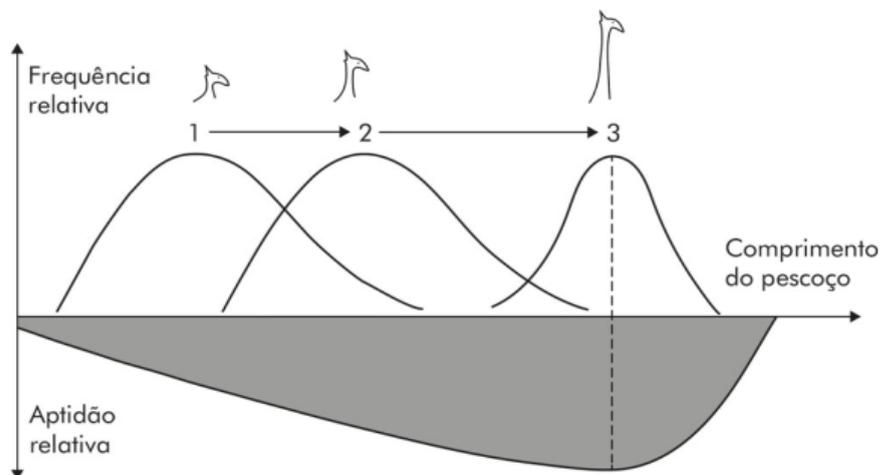
### 3 A NATUREZA DO COMPORTAMENTO EXTRACONJUGAL

Neste capítulo, busca-se responder à segunda pergunta fundamental para a construção deste trabalho, que consiste em compreender o desconforto e preocupação em relação à fidelidade; e contempla o segundo objetivo específico: averiguar a emissão do comportamento sexual extraconjugal. Para tanto, utilizamos como base central estudos de autores que fazem cálculos percentuais e pesquisas quantitativas.

A evolução histórica - filogênese - de uma espécie se dá por vários acontecimentos, por diversos fenômenos que ocorrem no decorrer de um longo período, e não somente por um evento em particular. Como exemplo, tem-se as girafas da Planície de Serengeti, em que alguns fatores implicaram nesse processo: os ambientais, como a vegetação alta; a variação genética, que possibilitou em parte as mutações do comprimento do pescoço; e a competição entre os diferentes tipos de girafas por recursos, que permitiu a reprodução daquelas que puderam sobreviver. Com isso, pode-se perceber que o comportamento, segundo Baum (2019), é peça chave para que a evolução aconteça, pois os indivíduos estão em interação com o ambiente, e maior parte dessa interação é comportamento.

Na figura 1, percebe-se o processo de evolução por seleção natural das girafas, no qual o comprimento do pescoço é representado pelo eixo horizontal, aumentando a variação de seus antepassados do 1 para o 3, à medida que a seleção segue seu percurso. A frequência se estabiliza na 3, na qual temos as girafas atuais, em que seu pescoço não cresce nem diminui.

Figura 1 – Evolução por seleção Natural, do Livro Compreender o Behaviorismo.



Fonte: Baum (2019)

As variáveis ambientais, genéticas e de competição por recursos englobam o conceito de aptidão, pois, quanto melhores forem as características (genóticas) suscetíveis à sobrevivência, maior a probabilidade dessa população sobreviver em relação a outra. “Quanto maior a aptidão de um genótipo, mais ele tende a predominar geração após geração” (BAUM, 2019, p.44). E os comportamentos de correr mais rápido, comer alimentos com melhores nutrientes, alimentar mais a prole, dentre outros, são fatores produtores da aptidão genotípica. Essa aptidão é mostrada na curva cinza da Figura 1, que indica uma constância na variação, dada pelas condições ambientais e favorecimento da reprodução. A aptidão máxima ocorre com as girafas do eixo 3, e perdura até os dias atuais, havendo uma estabilização do genótipo.

Segundo Alcock (2011), a informação genética do DNA e o grande número de influências ambientais, não somente materiais genéticos, mas também, células animais que produzem e transportam para outras células hormônios, e mais, os sinais sensoriais gerados na presença de estímulos e a atividade neural presentes, são fatores responsáveis pelo desenvolvimento do comportamento. Desenvolvimento é conceituado por Alcock (2011):

O desenvolvimento é um processo interativo, no qual a informação genética interage com as mudanças do ambiente interno e externo, de modo a constituir um organismo com propriedades e habilidades especiais. Esse processo ocorre porque alguns genes nos núcleos das células do animal podem ser ativados ou desativados pelos sinais apropriados, basicamente derivados do ambiente externo. Como a atividade genética se altera em um organismo, as reações químicas em suas células mudam, construindo (ou modificando) os mecanismos próximos que sustentam suas características e capacidades (ALCOCK, 2011, p. 63).

Visto que a interação gene-ambiente é imprescindível para o desenvolvimento, diferenças ambientais e genéticas conduzem às diferenças no desenvolvimento dos indivíduos, operando assim, na variação do comportamento dos indivíduos. Todos os comportamentos e atributos desenvolvidos, que foram selecionados no decorrer da evolução, que tiveram como função principal a reprodução e, conseqüentemente, a sobrevivência, formaram traços específicos para as espécies.

Os traços mais simples são os *reflexos*, que na presença de um estímulo, de algum desafio ambiental, produziram alguma resposta, isto é, uma ação no organismo, e estão relacionados a manutenção da saúde, impulsionamento da sobrevivência e fomento da reprodução (BAUM, 2019). Exemplos desses traços simples são o piscar de olhos, o espirro, tremores e a excitação ou inibição de algumas glândulas; assim, indivíduos com esses atributos mais intensos tiveram mais chances de sobreviver perante as ameaças.

Desses traços simples, padrões mais complexos se desenvolveram: as lagartas rosadas fêmeas adultas usam odores especiais para atrair o macho, mariposas noturnas conseguem se esquivar de morcegos que têm movimentos mais rápidos que elas, e machos de cobra-de-jardim copulam na primavera, mesmo quando são mínimos os sinais de testosterona em seu corpo (ALCOCK, 2011). Essas reações complexas provenientes de uma relação fixa com o ambiente são chamadas de *padrões fixos de ação*.

Esses padrões fixos de ação são mais difíceis de serem detectados nos seres humanos, visto que são modificados com o decorrer da aprendizagem da experiência particular de vida e da cultura na qual o indivíduo está inserido. Entretanto, alguns são reconhecidos por seu teor universal como, por exemplo, nas situações vistas como perigosas que nos fazem fugir, parar ou lutar. (BAUM, 2019). Essa aprendizagem é o que chamamos de *condicionamento clássico*<sup>5</sup> ou *respondente*, descoberto por Petrovich Pavlov, ao cunhar seu resultado de *reflexo condicional*.

Perante isso, diante de um estímulo, comportamentos são induzidos quando relacionados a situações que tenham sido frequentes no passado, que tenham passado por uma generalização de estímulos. Segundo Baum (2019), a excitação sexual pode ser induzida também por uma situação que esteja envolvida com os comportamentos de acasalamento de um grupo. Ou seja, os reflexos e os padrões de ação fixa estão diretamente relacionados à forma como nos comportamos, e eles sofrem variações de espécie para espécie.

Na espécie humana, pode ocorrer uma alteração na frequência cardíaca, um “suor frio”, a secreção de glândulas. Isso é importante para explicar que esses padrões e reflexos incidem em comportamentos extraconjugais, pois a evolução favoreceu esses comportamentos para que a reprodução ocorresse e a espécie perpetuasse. Com a sobreposição da cultura, uma relação extraconjugal passa a ser vista como algo ruim, errado, que corrompe o ser humano.

### 3.1 Comportamento sexual extraconjugal: uma necessidade da seleção natural

---

<sup>5</sup> **Condicionamento clássico:** aprendizagem que ocorre através da associação de um estímulo neutro com um estímulo que causa uma resposta reflexa. (YAMAMOTO, 2011, p.15)

As mudanças rápidas do terceiro nível de seleção (cultura) em nossa sociedade atual, levam a um desconforto e incompreensão do porquê de determinados comportamentos em nossa sociedade, e essa falta de conhecimento a respeito das bases biológicas do comportamento ocasiona sofrimento para os indivíduos, pelo choque entre os instintos mais primitivos com as áreas mais corticais de nosso cérebro - responsáveis pelo pensar racional, pelo senso de moral e planejamento.

Na cultura ocidental, como bem coloca De Waal (2007), não faltam regras para regulamentar o sexo, sempre aplicadas mais estritamente às mulheres do que aos homens. No entanto, a evolução contribuiu para que tais regras, no que tange a exclusividade sexual da fêmea para um só macho, não se efetivasse, ao permitir a receptividade sexual fora do período fértil.

Esse comportamento é facilmente observado na natureza, comum à maioria das espécies. As fêmeas escolhem melhor seus parceiros e com maior frequência emitem comportamentos de fidelidade. Por outro lado, a fêmea de nossa espécie experiencia o orgasmo tornando-se apta a ter contato sexual com outros machos (DE WAAL, 2007).

Os indícios de fidelidade e infidelidade entre homens e mulheres são explicados pelas relações que foram se configurando, pelos fatores ambientais que proporcionaram em determinados ambientes a existência de um perfil ou outro, mas vale ressaltar que o comportamento extraconjugal foi hegemonicamente desenvolvido e faz parte do comportamento primário da maioria dos mamíferos no decorrer da evolução, pois procurar parceiros mais aptos, para menores custos, maior proteção e filhos geneticamente mais fortes são prioridades que perduraram em nossa história.

Para entender um pouco mais do porquê dessas atitudes no ser humano, Morris (1967) explica que “Para começar, os machos queriam contar com a fidelidade das fêmeas enquanto as deixavam sozinhas para irem caçar” (p.35). Com a formação de casais e o investimento de recursos para a criação da prole, surgiu a necessidade de fidelidade da fêmea para com o macho provedor a fim de evitar que o macho desprendesse energia para caçar e alimentar filhos que não fossem seus. Contudo, do mesmo modo que a evolução permitiu que as fêmeas humanas experimentassem orgasmo a fim de estar unida a um parceiro, ela também propiciou a receptividade em relação a outros machos, já que o apetite sexual passou a não se restringir ao período fértil.

Uma característica interessante sobre isso é o chamado efeito novidade ou efeito Coolidge, que se apresenta praticamente em todos os machos mamíferos das espécies já estudadas. Este é um fenômeno no qual os machos apresentam um interesse sexual renovado quando em contato com novas parceiras sexuais receptivas. Tal fenômeno ocorre também com as fêmeas, porém, em menor grau quando comparado aos machos (VIEIRA; OLIVA, 2017).

A fêmea da nossa espécie é apenas moderadamente fiel. Se a fidelidade fosse o objetivo da natureza, o apetite sexual feminino seria limitado ao período fértil, e essa fase seria perceptível externamente. Em vez disso, a natureza criou uma sexualidade feminina que é quase impossível de controlar. (DE WAAL, 2007, p.83).

A infidelidade feminina é filogeneticamente presente. Embora a cultura monogâmica tenha o papel de freá-la. Morris (1967) evidencia: “Por volta dos quarenta anos, 26% das fêmeas casadas e 50% dos machos casados já experimentaram copulação extraconjugal” (p.34). Entretanto, esses dados sugerem também, que as mulheres são parcialmente monogâmicas, o que leva ao macho a ter uma maior preocupação em buscar exercer maior controle para com a relação entre eles, por medo do investimento e gasto de tempo e recursos em uma prole que pode não ser sua.

A forma como o processo evolutivo ocorreu resultou nesta dualidade no comportamento feminino. Um macho tem capacidade para gerar inúmeros filhos, por isso observamos uma maior promiscuidade por parte dos machos procurando deixar o maior número possível de descendentes. A fêmea, por sua vez, precisa investir em um macho de qualidade e, conseqüentemente, passa a selecionar melhor seus parceiros, escolhendo o que mais possua características úteis do ponto de vista evolutivo.

Os sistemas de acasalamento que se desenvolveram no decorrer da evolução foram selecionados na interação organismo-ambiente. Sousa e Silva (2011) fornecem a **Tabela 1** de classificação com os seguintes critérios de adaptação: espacial, temporal ecológico e genético envolvidos nas relações monogâmicas e poligínicas de animais.

A tabela a seguir tem por objetivo trazer de forma didática como se configuram as relações envolvidas na formação das relações monogâmicas e poligínicas dos animais, como também, fazer entender como esses critérios exerceram funções essenciais para a dinâmica das relações em humanos.

Quadro 1 – Classificação do sistema de acasalamento de acordo com os critérios: espacial, territorial, ecológico e genético (adaptada)

<b>Classificação Geral</b>	<b>Classificação Espacial</b>	<b>Classificação Temporal</b>	<b>Classificação Ecológica</b>	<b>Classificação Genética</b>
<p><b>I- MONOGAMIA</b></p> <p>Associação prolongada e acasalamentos essencialmente exclusivos entre um macho e uma fêmea por vez.</p>	<p><b>Monogamia Territorial:</b> O par monogâmico compartilha um território comum.</p> <p><b>Monogamia de Defesa da Fêmea:</b> Cada macho defende uma fêmea, em vez de defender um território.</p> <p><b>Monogamia baseada em dominância</b> Fêmeas mantêm associações monogâmicas em um grupo social dominando as fêmeas mais subordinadas.</p>	<p><b>Monogamia Serial:</b> Indivíduos de ambos os sexos usualmente acasalam com novos parceiros a cada ano ou a cada estação reprodutiva.</p> <p><b>Monogamia Permanente:</b> Pares permanecem juntos por toda a vida, só havendo troca de parceiro se não houver sucesso reprodutivo.</p>	<p><b>Monogamia:</b> Quando nenhum dos sexos tem oportunidade de monopolizar parceiros, seja diretamente ou através do controle de recursos. Pode ocorrer em sequência.</p>	<p>Igual número de machos e fêmeas contribui com gametas para a formação de zigotos</p>
<p><b>II- POLIGINIA</b></p> <p>Associação prolongada e acasalamentos essencialmente exclusivos entre machos e duas ou mais fêmeas por vez.</p>	<p><b>Poliginia Territorial:</b> Diversas fêmeas se acasalam com ao menos alguns machos territoriais.</p> <p><b>Poliginia de Defesa da Fêmea (<i>dr Harém</i>)</b> Um único macho defende o acesso a um grupo de fêmeas.</p>	<p><b>Poliginia Sucessiva:</b> Machos adquirem parceiras em sucessão temporal.</p> <p><b>Poliginia simultânea:</b> Machos adquirem todas as suas parceiras ao mesmo tempo.</p>	<p><b>Poliginia de defesa de recursos:</b> Machos defendem recursos essenciais às fêmeas, quando estes estão irregularmente distribuídos ou agregados em algumas áreas</p>	<p>Mais fêmeas do que macho contribuem com gametas para formação de zigotos</p>

Orians (1969) desenvolve o modelo de “limiar da poliginia” como forma de compreender o funcionamento da poliginia de defesa de recursos em mamíferos e aves de espécies territoriais. De acordo com esse modelo, a monopolização de um macho para com as fêmeas dependerá do padrão de distribuição espacial dos recursos que eles possam oferecer, diante de um ambiente no qual a magnitude de suprimentos e a proteção territorial se diferenciam dos demais territórios. Se visto pela fêmea como mais vantajoso, ela se junta ao macho acasalado, mesmo que se torne a segunda ou terceira parceira dele. Ser a segunda ou terceira é mais vantajoso que ser a primeira de um macho não acasalado, submetendo-se a uma reprodução em um território pobre.

Por outro lado, em casos de ambientes nos quais as fêmeas são mais sociais e se locomovem por grandes extensões em busca de alimentos, conseqüentemente, perante essas contingências, os machos não defendem seus territórios, dando lugar assim, para o que pode ser chamado de poliginia de defesa da fêmea, em que as fêmeas ficam sob controle do macho (SOUSA; SILVA, 2011).

### 3.2 O histórico de contingências de reforçamento para as relações extraconjugais

Mediante os modelos de acasalamento que se formaram, percebe-se que as fêmeas procuram parceiros que as proporcionem e garantam a sobrevivência. Isso pode se dar mesmo que o parceiro possua outras companheiras. Vale ressaltar que os recursos oferecidos pelo macho não se limitam aos relacionados à alimentação e território, mas também, aos cuidados parentais, como: transporte dos filhos, formação do ninho, alimentação e defesa; fatores importantes que se deve levar em conta diante de um sistema de acasalamento.

A partir dos sistemas de acasalamento, compreende-se que o comportamento sexual extraconjugal é, do ponto de vista biológico, natural. Fisher (1995) aponta quatro razões em que incide no comportamento feminino extraconjugal como biologicamente adaptativo para nossos ancestrais:

(1) **A subsistência suplementar** - É uma das explicações para a ocorrência da variabilidade sexual feminina, pois os bens e serviços extras aumentou a probabilidade das mulheres antepassadas terem acesso a mais abrigos e alimentos extras, o que subsidiariamente implicaria possuir melhores condições de saúde e, conseqüentemente, a sobrevivência mais prolongada dos filhos.

(2) **Um seguro** - Ter vários parceiros permitia que, com a morte ou o abandono do lar do marido, ela estaria assegurada por um outro homem por quem poderia apelar para a criação dos seus filhos.

(3) **Parceiro frágil** - O casamento das mulheres com um homem pobre, com baixa visão, não provedor e medroso ganha uma força maior para a busca por outros parceiros por parte delas, que melhorem sua linhagem genética.

(4) **Sobrevivência às variações ambientais** - Quanto mais as mulheres tivessem filhos com muitos homens, maiores seriam as chances de elas terem crianças diferentes, o que aumentaria a probabilidade de algumas sobreviverem caso mudanças ambientais imprevisíveis ocorressem.

Contudo, em meio aos costumes culturais aos quais as mulheres estão sujeitas, manifestar comportamento que indique desejo sexual por outro homem que não seja seu cônjuge, resulta em punição. A preocupação com a fidelidade sexual das mulheres é muito mais evidenciada pelos homens, e desde épocas primitivas tem sido uma luta constante para eles domar a sexualidade delas (DE WAAL, 2007). Assim, as mulheres estão sempre controlando seus desejos, guiadas pela ameaça de serem abandonadas ou mal vistas socialmente, caso isso ocorra.

Esse senso de moral envolto da fidelidade está diretamente relacionado ao conceito de autocontrole de Skinner (1953), que o caracteriza como a capacidade do indivíduo controlar seus próprios comportamentos, da capacidade de agir sobre as variáveis que o afeta, isto é, passa a exercer controle ou contracontrole sobre as variáveis que determinam seu comportamento.

Como observa Nico (2001, p.66), “[...] o autocontrole será tanto mais necessário quanto maior for o conflito entre as contingências de reforço”. Isso ocorre, por exemplo, nas relações extraconjugais das mulheres, perante o julgamento social de algo como errado e proibido, que gera fuga e esquiva da possibilidade de punição, seja pelo cônjuge, seja pela comunidade. Entretanto, ao mesmo tempo em que no relacionamento extraconjugal há uma grande possibilidade de punição, tem-se a presença de reforçadores de alta magnitude nessa relação.

O autocontrole surge quando o comportamento se dá a partir de uma avaliação das consequências das variáveis reforçadoras existentes entre a relação extraconjugal e a conjugal. Emitir comportamento que não condiz com as normas impostas pela cultura do grupo pode

não ser vantajoso e é facilmente desprezado. Porém, por outro lado, o sujeito coagido pode comportar-se de maneira oposta e inferir o contracontrole. Como por exemplo, as mulheres inseridas na cultura ocidental, dentro das normas e padrões que impera na cultura judaico cristã, em que o comportamento extraconjugal é inaceitável e sujeito a diversas punições, ainda o praticam, exercendo um contracontrole (prática extraconjugal) em detrimento do controle imposto pela sociedade (prática conjugal).

De acordo com Sidman (2009), “[...] o comportamento não ocorre em um vácuo. Eventos precedem e seguem cada uma de nossas ações. O que fazemos é fortemente controlado pelo que acontece a seguir - pelas consequências de nossa ação” (p.50). Somos coagidos o tempo todo a fazer ou não coisas pelas consequências que a produz, sendo necessário a prática de avaliação e análise de nossa conduta diante do mundo.

A coerção envolve uma emissão de comportamentos contra vontade, ou seja, fazemos algo sob jugo ou ameaça. Quanto mais conveniente agirmos sob o controle de um grupo ou uma pessoa, somos controlados pelo ambiente físico e social, e estamos sempre nos comportando de acordo com o processo de aprendizagem a que somos expostos durante toda nossa vida. (SIDMAN, 2009).

Por conseguinte, verifica-se que o comportamento monogâmico ou poligâmico ocorre, modifica-se e volta a prevalecer no decorrer das gerações, ao exercer alguma função para o contexto preponderante. As relações se formaram para atender às necessidades existentes em um ambiente no qual a sobrevivência é a chave central. As relações modificaram, sofreram mutações; estratégias foram criadas para suprir necessidades e padrões de ação fixa ainda tem um poder muito grande nos comportamentos humanos, apesar de todas as mudanças culturais e rápidas de nossa sociedade.

## 4 COMPORTAMENTO DOMINANTE E SUA IMPLICAÇÃO NO ACESSO AO CONTATO SEXUAL DAS FÊMEAS

Neste capítulo, busca-se explicar as razões pelas quais algumas mulheres manifestam um apetite sexual maior pela topografia sexual com agressividade. Embora esse comportamento seja mal visto socialmente e considerado inadequado dentro das conjunturas de relacionamentos atuais, é algo que aparece frequentemente na intimidade das pessoas. Outro contexto que leva a necessidade de estudar e buscar resposta para tal comportamento é o fato de livros e filmes com conteúdo sexual envolvendo sadismo e masoquismo serem grandes sucessos e ter tanta repercussão, como por exemplo a trilogia de 50 tons de cinza e o mais recente da Netflix 365 days. Em ambas as narrativas, traz enredos de relações entre mulheres submissas com homens altamente dominadores.

### 4.1 Guerras primitivas e a topografia do comportamento sexual agressivo

Para a compreensão do comportamento humano, tem-se utilizado como base de conhecimento a diversidade do comportamento de espécies e populações animais. Snowdon e Elowson (1999) salientam a importância do estudo destes, para entender aqueles. Um exemplo bastante conhecido é o estudo de Harlow e Suomi (1974 *apud* YAMAMOTO, 2011) com macacos Resos, no que tange a privação social em idade precoce, que possibilitou uma grande influência para teorias como as do desenvolvimento infantil e a do apego.

No final do século XIX e início do século XX, vários cientistas se debruçaram nessa área, como Ivan Pavlov, Herbert Spencer Jennings, Edward L. Thorndike e T. Schjelderup-Ebbe, que originaram o conceito de dominância a partir dos estudos e experimentos sobre a ordem das bicadas das galinhas. Nessa linha de raciocínio, outros animais muito utilizados para a compreensão do comportamento dos seres humanos são os bonobos e chimpanzés, parentes mais próximos dos humanos. Como diz Skinner (2003), “[...] todo comportamento é herdado, uma vez que o organismo que se comporta é produto da seleção natural” (p.41).

Skinner, em seu livro “Sobre o behaviorismo” (1974), esclarece três explicações para o comportamento agressivo. A primeira é que ele pode ser inato e manifestar-se a partir de situações mais pontuais, em que o valor de sobrevivência é bem expressivo. A capacidade de

um bebê se comportar por meio de uma mordida ou de um arranhar quando submetido a algum tipo de limitação física, mesmo que ninguém o tenha ensinado anteriormente, é um exemplo dado por ele a respeito dessa ação agressiva inata.

A segunda forma que esse comportamento pode se manifestar é pela presença do reforço. A suscetibilidade das pessoas ao reforço expresso por sinais que sinalizam danos ao outro. Skinner exemplifica ao dizer que ser reforçado quando alguém foge ou grita teria seu valor de sobrevivência e, conseqüentemente, haveria um aprendizado mais rápido do comportamento de se defender.

Uma terceira forma de manifestação do comportamento agressivo está relacionado ao reforço por conseqüências, que não estão diretamente ligadas à agressão, como a comida e o contato sexual. A busca por reforçadores primários como os alimentos e sexo se deram muitas vezes em contextos em que as disputas entre grupos se fizeram presentes, pois para garantir a sobrevivência, comida e reprodução eram básicos e, para se ter acesso a eles, o exercício da força teve sua função nesse processo.

Para entender a etiologia do comportamento em questão e de qualquer outro, precisamos investigar três fatores: filogênese, ontogênese e sociogênese. O behaviorismo compreende o homem através desses três aspectos. De acordo com Moreira e Hanna (2012), a filogênese é a parte do nosso comportamento que corresponde à herança evolutiva de nossa espécie. A ontogênese diz respeito ao desenvolvimento particular dos comportamentos de cada indivíduo. A sociogênese, por sua vez, trata dos aspectos do comportamento relacionados à cultura em que estamos inseridos.

O comportamento sexual e de dominação também passa por esses três níveis de seleção e, portanto, precisamos analisá-los considerando os aspectos da origem das espécies, o desenvolvimento particular de cada pessoa e os elementos da cultura a qual ela pertence. Isso exige investigação aprofundada de caso a caso. Contudo, eles constituem a base para entendermos o fenômeno estudado neste capítulo: A relação de dominação e poder com o comportamento sexual.

Quantos médicos, dentistas e enfermeiros têm de lutar com a resistência de pacientes antes mesmo que qualquer dor lhes tenha sido infligida! Tais situações induzem muitas reações reflexas e padrões fixos de ação que variam de uma espécie para outra. Alguns desses comportamentos têm mais a ver com fuga do que com agressão. Em situações que sinalizam perigo, é bem provável que as criaturas saiam correndo. Às vezes, quando uma situação envolve dor que, no passado, tenha sido inevitável, os sinais de perigo induzem passividade extrema (BAUM, 2019, p.46).

Baum (2019) nos mostra como esse comportamento agressivo molda-se em padrões de ação fixa e como o processo de aprendizagem evidencia-se, seja mediante um comportamento de fuga como também um comportamento de ação agressiva. Além disso, o comportamento passivo se instala para os dominados, muitas vezes por não encontrar estratégias e alternativas de fuga ou esquiva para o momento.

No contexto de guerras primitivas, os recursos eram poucos e a luta pela sobrevivência se dava por meio de grandes enfrentamentos entre tribos. Segundo Harris (1978), os guerreiros machos vencedores se apossavam dos territórios e de todos os demais recursos deixados por seus oponentes. Parte dessa recompensa era o contato sexual com as mulheres da tribo derrotada, visto que quanto mais mulheres engravidassem, maior garantia de perpetuação de sua linhagem esses homens teriam. Esse contato ocorria com muita dominação, exposição e agressividade.

Esse comportamento também se apresenta em nossos ancestrais não humanos. Segundo DE Waal (2007), quando um grupo de chimpanzés se depara com um componente de um grupo rival, sua ação é tão violenta que o matam com um ataque coordenado de pancadas e mordidas. “Os vencedores apoderam-se do vago território e das fêmeas residentes” (DE WAAL, 2007, p.107)

Tal comportamento foi transmitido às gerações futuras por seleção natural, visto que possibilitou a permanência e descendência dos que melhor se adaptaram às novas condições e sobreviveram. Esse comportamento de agressividade com os grupos oponentes também é evidenciado em primatas humanos.

Logo que um grupo de atacantes vê-se a salvo da perseguição dos inimigos, seus guerreiros violentam as mulheres cativas. Ao chegarem às aldeias, entregam-nas aos homens que aí ficaram e, mais uma vez, elas são violentadas. Mas depois de muita argumentação e disputa, os vitoriosos concordam que as cativas sejam entregues como esposas a determinados guerreiros (HARRIS 1978, p. 82).

O comportamento de dominação e poder é visível e se expressa pela efetivação da sua função de conquistar recursos e contato sexual mais facilmente. Nessa relação de dominância do homem para com a mulher, as que conseguiram se adaptar às novas condições e sobreviver, conseqüentemente, passaram seus genes para outras gerações. Portanto, a relação de dominação e submissão presentes nas relações e a preferência por um contato

sexual mais agressivo entre homens e mulheres também foi selecionada por seu valor de sobrevivência.

#### 4.2 Chimpanzés e bonobos como modelo explicativo para o comportamento sexual agressivo em humanos

Para compreender a preferência por um contato sexual mais agressivo, é importante mais uma vez estudar a literatura sobre evolução das espécies e mais precisamente sobre o comportamento primatológico. Como afirma De Waal (2007, p.8), “Somos abençoados com dois parentes primatas que diferem entre si como o dia da noite. Um é do tipo brutamontes, ambicioso e de pavio curto. O outro é igualitarista, adepto de um estilo de vida livre, leve e solto”. Chimpanzé e bonobo, o primeiro conhecido por sua posição de poder e comportamento de agressividade, o segundo por sua grande disponibilidade sexual e empatia. São considerados, assim, nossos parentes primatas mais próximos, dos quais herdamos diversas características.

Segundo De Waal (2007), nosso comportamento é resultado das características herdadas desses dois distintos primatas. Isso possibilita compreensões acerca do comportamento sexual humano, como a preferência pelo contato sexual agressivo. Em contextos de guerras primitivas, podemos identificar traços da nossa natureza primata. Era recorrente conflitos por disputa de território e disputas sexuais, e estes atos exigiram das mulheres adaptação para que pudessem sobreviver e deixar descendentes.

Harris (1978) averigua as razões para a guerra entre os povos primitivos. A principal justificativa das tribos para iniciar os confrontos foi à vingança contra atos violentos de grupos inimigos, cujos principais são o estupro e o rapto de mulheres. Traz como exemplo, uma tribo de guerreiros primitivos residente na fronteira do Brasil com a Venezuela: os Yanomamos. Eles têm como característica de arte militar emboscadas e ataques secretos noturnos, com o objetivo principal de matar oponentes e capturar para si o máximo de mulheres inimigas que conseguirem.

Apesar dessas práticas pertencerem a uma tribo bastante primitiva e agressiva, registros históricos comprovam que atos assim eram muito comuns em contextos de guerra, entre outros povos e culturas. Isso pode ser observado como uma característica herdada evolutivamente de outras espécies primatas, como os chimpanzés-comuns. “Seu comportamento hierárquico e violento inspirou a imagem dos humanos como primatas

assassinos”. É nosso destino biológico, dizem certos cientistas, arrebatá-lo o poder derrotando outros e guerreando perpetuamente (DE WAAL, 2007, p.8).

Embora alguns comportamentos não estejam de acordo com os moldes culturais, podem ser muito vantajosos em termos filogenéticos. De acordo com Skinner (2003), tais práticas tendem a ser características dos grupos que sobrevivem e que, conseqüentemente, as perpetuam. Do ponto de vista biológico, foi vantajoso que as mulheres se adaptassem ao estilo de vida daqueles contextos, marcados por violência e dominação masculina e garantissem assim sua sobrevivência.

Esse processo não depende de escolha consciente do organismo, suas ações são selecionadas pelas variáveis ambientais, que priorizam o que é mais vantajoso para a sobrevivência e perpetuação da espécie. Essa é uma característica do processo evolutivo, tal como afirma Skinner (2003): “Um indivíduo não escolhe entre a vida e a morte; comporta-se de modo que resulta em sobrevivência ou morte. Geralmente o comportamento leva à sobrevivência porque o indivíduo que se comporta foi selecionado pela sobrevivência no processo de evolução” (p.471).

Partindo desses princípios, levantamos a hipótese de que o domínio sexual relacionado a agressividade foi selecionado por suas conseqüências dentro do processo evolutivo e permanece hoje em nosso repertório.

Vimos que em certos aspectos o reforço operante se assemelha à seleção natural da teoria da evolução. Assim como as características genéticas que surgem como mutações são selecionadas ou rejeitadas por suas conseqüências, também as novas formas de comportamento são selecionadas ou rejeitadas pelo reforço (SKINNER, 2003).

Além disso, temos os valores éticos e morais que compõem a sociedade e que também irão influenciar nossas ações. Como nos explica Skinner (2003), o comportamento sexual de um indivíduo não dependerá apenas da disponibilidade de membros do sexo oposto, mas do controle ético estabelecido pelas instituições religiosas, governamentais, restrições impostas no grupo familiar e outros presentes em cada cultura. Como resultado do processo evolutivo, temos alguns padrões de comportamento que podem ser contrários aos princípios da cultura ocidental, pautada nos valores judaico-cristão.

Morris (1967) aponta que, com o desenvolvimento da cultura, uma das formas de se manter a fêmea presa a seu parceiro foi utilizar-se de uma forma mais sutil de agressividade, como por exemplo, a introdução do comportamento verbal de ameaça. Entretanto, não foram

apagados os resquícios de nossa natureza primata e a nossa espécie se manteve fiel aos seus instintos biológicos fundamentais. O autor afirma que: “O sistema sexual primata, com algumas modificações carnívoras, sobreviveu muito bem através de todos os fantásticos progressos tecnológicos.” (MORRIS, 1967, p. 53).

Por termos como herança de nossos ancestrais determinados comportamentos e ao mesmo tempo estarmos sujeitos às restrições morais presentes em nossa cultura, podemos vivenciar conflitos e até desenvolver psicopatologias.

Em toda espécie de vida animal são encontradas relações de hierarquias, de poder, de dominação e de submissão. Cada espécie se organiza de uma maneira e monta suas estratégias para defesa do território, do acesso a recursos, principalmente quando esses recursos são mais limitados, bem como seu grupo e suas fêmeas. (HUNTINGFORD; CHELLAPPA, 2011). Dawkins (1976) afirma que como máquinas de sobrevivência de uma mesma espécie, tendemos a influenciar uns aos outros de maneira direta. Isso ocorre pelo fato de metade da população ser constituída por parceiros sexuais em potencial, considerados pais trabalhadores e exploradores para garantir cuidados a sua prole.

Além disso, como membros de uma mesma espécie convivendo em grupos, com características muito semelhantes e com a função de preservar seus genes no mesmo tipo de lugar, com a mesma forma de vida, tornam-se competidores diretos dos recursos necessários para a sobrevivência, bem como a competição por parceiros sexuais, principalmente dos machos pelas fêmeas.

Assim, essa competição poderá explicar mais uma vez a formação de hierarquias, dominância e submissão de uns em detrimento de outros, visto que, cada um quer ter garantida sua continuação ao longo dos tempos e os conflitos se tornam inevitáveis quando o recurso para tal feito é insuficiente para todos de modo igualitário (DAWKINS, 1976).

Os conflitos mais recorrentes entre tribos ou grupos rivais humanos ou animais ocorrem por meio do comportamento de agressividade como uma forma de intimidação, seja em atos concretos ou ameaça, nos quais um dos lados sairá vencedor, isto é, será o dominante, enquanto seu oponente se tornará subordinado.

Desse modo, em outros encontros futuros, o conflito será evitado e dará lugar a uma apresentação de demonstração de poder e autoridade. Segundo Huntingford e Chellappa (2011) “O termo agressão, portanto, engloba um amplo espectro de comportamento, que

envolve desde o ataque e a briga até a ameaça ou a submissão. Em alguns casos, esse leque de respostas é denominado comportamento agonístico.” (p. 290)

A relação de dominação e submissão, disputa por território e acesso às fêmeas está presente na maioria das espécies, principalmente em espécies que vivem em grupo e se relacionam socialmente. Alguns se destacam como superiores em relação aos demais e, desse modo, ocorre a organização hierárquica da dominância. O líder que detém o poder e dominação terá prioridade no acesso aos recursos, como abrigo, alimento e fêmeas. Essa relação de dominação e submissão está presente em diversas espécies animais, desde baratas a chimpanzés (HUNTINGFORD; CHELLAPPA, 2011).

A competição por parceiro entre as fêmeas é comum, entretanto, o comportamento de agressividade é muito mais presente nos machos em relação a outros integrantes do mesmo sexo, como os peixes-cachimbo, hienas malhadas e grilos *Anabrus simplex*. Além desses, os combatentes dos alces agressivos, besouros guerreiros e moscas belicosas são machos (ALCOCK, 2011). Isso ocorre, pois os vencedores dessa disputa têm uma maior probabilidade de acasalamento. Alcock (2011) ainda enfatiza que as “Lutas irrestritas entre os machos são uma das características mais comuns da vida na Terra” (p.342).

A evolução de corpos grandes se fez presente por permitir uma maior facilidade na seleção sexual, devido ao fato de que valida os animais com um porte físico mais avantajado, havendo assim uma maior propensão a vencer lutas contra os menores. Além da seleção sexual possibilitar a apuração de machos estruturalmente maiores, ela mantém os machos em uma alta performance no decorrer dos conflitos e disputas dentro de suas espécies (ALCOCK, 2011).

Vale apontar que a estrutura morfológica foi ganhando forma diante desses feitos, para citar, os besouros, dinossauros e rinocerontes desenvolveram chifres, presas, pernas grandes e espinhosas para lutar contra outros machos em disputa pelas fêmeas.

Embora as disputas dos machos da maioria das espécies sejam pelo acesso às fêmeas, em algumas outras, as lutas e conflitos entre eles se dá pela posição de hierarquia e dominância (ALCOCK, 2011).

A oportunidade imediata de acasalar fica para um segundo plano, ao ser substituída pelo domínio e busca de se manter em uma posição de hierarquia de líder que, apesar de requerer um alto custo inicial de alcançar o status de alfa, os permitem a submissão dos demais machos. Após essa conquista inicial, as contingências secundárias se apresentam: há

uma maior disposição das fêmeas de seus subordinados mais facilmente. Assumindo-se que esse alto poder hierárquico tenha uma função adaptativa, há uma maior propensão para a reprodução e, conseqüentemente, o acasalamento é mais frequente entre esses machos dominantes que seus subordinados.

Portanto, diante do exposto, percebe-se que o comportamento de dominação e poder dos mamíferos machos para com as fêmeas exerce uma função, e essas relações foram transmitidas por muitas gerações. Os humanos, enquanto mamíferos e ancestrais comuns de chimpanzés e bonobos, herdaram muito dessas características, porém, a cultura a qual o homem está inserido, muitas vezes, coloca-os como seres em um nível de superioridade tão elevado, que esquece que somos mamíferos e temos um cérebro primitivo que impulsiona os instintos mais latentes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, pode-se notar que foi necessário às espécies de modo geral, tanto humana quanto animal, criar estratégias que pudessem garantir a sua sobrevivência e perpetuação. Entende-se que o contato sexual, presente em praticamente toda forma de vida animal, é imprescindível para que isso ocorra. No entanto, percebe-se que diversas questões, principalmente para as mulheres, permeiam esse tema e que ainda se apresenta com diversos tabus no que se refere à cultura ocidental, pautada no cristianismo no qual é predominantemente guiada pela monogamia.

A monogamia se tornou predominante pela forma como a sociedade ocidental foi se configurando, por ter sido vantajosa em um ambiente no qual a subsistência era garantida pelo homem que saía em busca de sustento para a família, enquanto a mulher ficava em casa para os cuidados do lar e dos filhos. Diante disso, o surgimento de questionamentos acerca de outras formas de comportamentos sexuais existentes entre os seres humanos e que se apresentam como conflitos para muitas mulheres tem sido recorrente dentro dos consultórios terapêuticos.

Considerando que somos produto do ambiente natural e nossos comportamentos foram modelados durante milhares de anos de evolução, por meio de novas adaptações que ao longo da história foram exigidas e que possibilitaram a continuação da espécie ao favorecer a sobrevivência, as explicações para o modelo de uniões monogâmicas obedecem a lógica da cultura com suas regras sociais.

Todavia, as variáveis envolvidas no processo de seleção e evolução da espécie, nas quais a reprodução é função preponderante desse sistema, buscar novos parceiros que lhes garantam recursos e filhos mais fortes para sobreviver em um ambiente hostil foram comportamentos que estiveram presentes nas mulheres no decorrer dos milhares de anos de evolução.

Apesar do grande peso que a cultura coloca sob as cópulas extra conjugais, ao longo da pesquisa, constata-se que este comportamento é tão natural quanto à luz do dia. Eles são recorrentes nas mais variadas espécies animais e, conseqüentemente, também nós humanos o herdamos e continuamos a carregar em nosso gene, comportamentos estes que são úteis à sobrevivência. Assim, o comportamento extraconjugal é, do ponto de vista biológico, natural e tem como função a garantia de uma prole mais forte e com mais probabilidade de resistência

às condições ambientais e, por isso, as fêmeas escolhem com mais critérios e cuidado o padrão de macho com os quais buscam acasalamento.

Ao se imaginar um contexto no qual as mulheres se encontrem em uma situação em que os desejos por contato sexual estejam presentes e latentes, contudo, inseridas em um ambiente em que predomina os costumes culturais em que o contato deve ser evitado até o casamento, frear essa vontade se torna tarefa difícil e muitas vezes resultam em comportamento incompatível com as exigências culturais.

Concluiu-se no decorrer da pesquisa que os instintos mais primitivos que levam a busca por alimento e sexo estão filogeneticamente presentes e apesar da cultura impor seu controle, acaba não tendo muita força por se tratar de comportamentos selecionados por seu valor de sobrevivência, e é imprescindível para a continuação da vida. Ademais, é o comportamento responsável pela obtenção de reforçadores primários de alta magnitude.

Buscou-se comparar o comportamento animal, desde primatas não humanos a primatas humanos, no qual examinou-se aspectos que comprovasse a relação da reprodução, poder e agressividade envolvidos com o comportamento sexual. Em virtude disso, percebeu-se que a conduta agressiva está ligada ao comportamento de dominação e poder. Ao longo da história evolutiva foi necessário a formação de hierarquias, visto que os recursos eram escassos e a luta pela sobrevivência inevitável.

Esses comportamentos foram passados através da herança genética para as gerações futuras, se perpetuando, como enfatizado entre os chimpanzés e bonobos, por meio da sua agressividade e empatia sexual, respectivamente. E também, a competição por parceiras, comportamento muito presente nos machos de muitas espécies animais. Em contextos de guerras primitivas, a agressividade possibilitou as conquistas de territórios e recursos, além do contato sexual com maior quantidade de fêmeas, que proporcionou uma continuação e propagação genética de grandes guerreiros.

Portanto, compreende-se que a preferência da mulher por contato sexual com agressividade e a escolha por parceiros em potencial com características que indicam maior cuidado com os filhos se instalou e se mantém por seu valor de sobrevivência. Todas as topografias sexuais citadas na construção do trabalho foram selecionadas ao longo da história evolutiva de todas as espécies, obedecendo a uma função primária que é a reprodução e continuação da vida.

## REFERÊNCIAS

- ALCOCK, J. **Comportamento animal: uma abordagem evolutiva**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- ALVES, C. et al. Complexo principal de histocompatibilidade: sua participação na patogênese das doenças reumáticas auto-imunes. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 19, n. 3, p. 155-163, 2012.
- BARASH, D. P.; LIPTON, Judith E. **O mito da monogamia: fidelidade e infidelidade entre as pessoas e os animais**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- BAUM, W. M. **Compreender o behaviorismo: comportamento, cultura e evolução**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- BLACKMORE, S. (2001). Evolution and memes - the human brain as a selective imitation device. **Cybernetics and Systems: An International Journal**, a. 32, 225-255.
- BUSSAB, V. S. R.; RIBEIRO, F. L. **Biologicamente cultural**. 1998. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4905536/mod\\_resource/content/1/Bussab%2C%20biologicamente\\_cultural\\_pdf.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4905536/mod_resource/content/1/Bussab%2C%20biologicamente_cultural_pdf.pdf). Acesso em: 10 ago. 2020.
- CARVALHO, J. **Ensaio para uma teoria político-sexual**. 2003. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/376056740/Ensaio-Para-Uma-Teoria-Politico-sexual>. Acesso em: 12 ago. 2020.
- CERLING, T. A savana e a origem do homem. **Revista FAPESP**. ed. 187. set, 2011. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-savana-e-a-origem-do-homem/>. Acesso em: 01 ago. 2020.
- CICCOTTI, S. **Experimentos essenciais em Psicologia: homens e mulheres**. 2. ed. São Paulo: Duetto Editorial, 2010.
- CONTE, F. C. S; BRANDÃO, M. Z. S. **Falo? ou não falo?: Expressando sentimentos e comunicando idéias**. 2. ed. Londrina: Mecenaz, 2007.
- DAWKINS, R. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DE WAAL, F. B.M. **Eu, primata: por que somos como somos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FISHER, H. **Anatomia do amor: a história natural da monogamia, do adultério e do divórcio**. Rio de Janeiro: Eureka, 1995.
- FISHER, H.. **Por que ele? Por que ela?: Como encontrar o amor verdadeiro, conhecendo seu tipo de personalidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- GALLOTI, A. **Soy infiel, ¿y tú?**. Buenos Aires: Martínez Roca, 2012.

GAULIN, S. J; MCBURNEY, D. H. **Psychology: An Evolutionary Approach**. New Jersey: Prentice Hall, 2001.

HARRIS, M. **Vacas porcos guerras e bruxas: Os enigmas da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HATTORI, W.T; CASTRO, F. N. As origens do amor: evolução das escolhas do parceiro. *In*: VIEIRA, M. L; OLIVA, A. D. (org.). **Evolução, cultura e comportamento humano**. Florianópolis: Edições do Bosque / CHF/UFSC, 2017.

HUNTINGFORD, F. A; CHELLAPPA, S. **Agressão**. *In*: YAMAMOTO, M. E; VOLPATO, G. L. (ed.). **Comportamento Animal**. 2. ed. Natal: UFRN, 2011.

MATOS, M. A. ANÁLISE FUNCIONAL DO COMPORTAMENTO. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 16, n.3, p. 8-18, set./dez. 1999.

MOREIRA, M. B. et al. **Temas clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

MORRIS, D. **O macaco nu: um estudo do animal humano**. Rio de Janeiro: Record, 1968.

MOREIRA, M. B; HANNA, E. S. Bases Filosóficas e Noção de Ciência em Análise do Comportamento. *In*: HÜBNER, M.M.C; MOREIRA, B. M. (org.) **Fundamentos de Psicologia: Temas Clássicos da Psicologia sob a ótica da análise do comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

MANFROI, E. C; MACARINI, S. M; VIEIRA, M. L. Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 21, n 1, p. 59-69, 2011.

NICO, Y. C. O que é autocontrole, tomada de decisão e solução de problemas na perspectiva de B.F.Skinner. *In*: GUILLARDI, H. J; MADI, M.B.P; QUEIROZ, P. P; SCOZ, M.C. (org). **Sobre o Comportamento e Cognição**. Santo André: ESETc, 2001.

ORIAN, G. H. On the evolution of mating systems in birds and mammals. **American Naturalist**, Seattle, v. 103, p. 589-603, 1969.

OTERO, V. R. L; GUERRELHAS, F. Saber falar e saber ouvir: A comunicação entre casais. *In*: CONTE, F. C; BRANDÃO, M. Z. S. (Orgs.). **Falo ou não falo?** Arapongas, PR: Mecenaz, 2003. p. 71-84.

PEREL, E. **Rethinking infidelity... a talk for anyone who has ever loved**. TED, 2015.  
Disponível em:  
[https://www.ted.com/talks/esther\\_perel\\_rethinking\\_infidelity\\_a\\_talk\\_for\\_anyone\\_who\\_has\\_ever\\_loved?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/esther_perel_rethinking_infidelity_a_talk_for_anyone_who_has_ever_loved?language=pt-br): Acesso em: 31 mar. 2021.

RAMOS, M. J.C. Relações não monogâmicas: a análise da comparação na relação poliamorosa. **Revista Brasileira De Sexualidade Humana**. v. 28, n 1, p. 49-56, 2017.  
Disponível em: [https://www.rbsh.org.br/revista\\_sbrash/article/view/9](https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/9). Acesso em: 15 jul. 2020.

- SIDMAN, M. **Coerção e suas implicações**. Campinas: Livro Pleno, 2009.
- SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- SKINNER, B. F. **Sobre o Behaviorismo**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SKINNER, B. F. **The behavior of organisms: An experimental analysis**. London: D. Appleton-Century Company, 2019.
- SKINNER, B. F. **Walden II: Uma sociedade do futuro**. São Paulo: EPU, 1973.
- SNOWDON, C.T; ELOWSON, A. M. **Pygmy marmosets alter call structure when paired**. Madison: Ethology, 1999.
- SOUSA, M. B. C; SILVA, H. P. Reprodução. *In*: YAMAMOTO, M. E; VOLPATO, G. L. **Comportamento Animal**. 2. ed. Natal: UFRN, 2011.
- TRIVERS, R. L. Parental investment and sexual selection. CAMPBELL B. G. *In*: **Sexual Selection and the descend of the man**. Chicago: Aldine, 1972.
- VARELLA, D. **O enigma da monogamia**. 2020. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/artigos/o-enigma-da-monogamia-artigo/>: Acesso em: 05 set. 2020.
- VARELLA, M. A. C; SANTOS, I. B. C; FERREIRA, J. H. B. P; BUSSAB, .V. S. R. Mal-entendidos sobre a psicologia evolucionista: Somos dominados por genes ou por outros equívocos? *In*: VIEIRA, M. L; OLIVA, A. D. (org.). **Evolução, cultura e comportamento humano**. Florianópolis: Edições do Bosque / CHF/UFSC, 2017.
- VIEIRA, M.L; OLIVA, A.D. **Evolução, cultura e comportamento humano**. Florianópolis: Edições do Bosque/CFH/UFSC, 2017.
- YAMAMOTO, M. E; VOLPATO, G. L. **Comportamento Animal**. 2. ed. Natal: UFRN, 2011.